

O Primeiro Caderno

MOACYR SCLiar,
médico e escritor

Claro, dava-me pena o fato de as férias terem terminado - mas era bom voltar às aulas. O primeiro dia no colégio tinha ar de festa: o encontro com os amigos, as muitas histórias que tínhamos a nos contar; a curiosidade em relação às professoras (todas lindas; professora para mim era, por definição, a imagem da beleza. Eu não levava mais que cinco minutos para me apaixonar. Por qualquer uma delas. Aliás, não por coincidência, casei com uma professora); e, finalmente, a lista do material escolar. Que não era, como agora, distribuída com antecedência. Mesmo porque nem se comprava muita coisa: alguns livros, alguns cadernos.

Ah, mas estou sendo injusto. Alguns livros, alguns cadernos? Aquilo era a coisa mais preciosa do mundo. Os livros, um repositório de toda a sabedoria; quanto aos cadernos...

Os cadernos. Que emoção era receber os cadernos. Havia-os de vários tipos: o de linha simples, o quadriculado; o de música e o de desenho. Um humilde bloco (frequentemente num escuro papel jornal) e o caderno de caligrafia. Caligrafia! Ainda existe



alguém que treine caligrafia? No entanto, muitas vezes eu fiquei debruçado sobre o meu caderno, traçando a perninha do R com o cuidado de um grande pintor ao fazer o melhor quadro de sua vida.

Mas o que mais me fasci-

nava nos cadernos era exatamente o fato de que estavam em branco, de que nada estava escrito neles. E isto representava aquilo de que eu mais gostava: o desafio, a excitação da incerteza. Eu folheava amorosamente o caderno até che-

gar à última página. Quem diria que eu haveria de chegar lá!

Chegava. Ao longo do ano, as páginas do caderno iam vagarosamente se enchendo: ditados, redações, problemas de matemática, os pontos de História e Geografia. E castigo: menino, escreva cem vezes, não devo conversar em aula! E eu escrevia cem vezes: não devo conversar em aula (ah, mas que era bom conversar em aula, isto era). Ao longo do ano o caderno ia passando por seu calvário: enfiado precipitadamente na pasta quando soava a sineta anunciando o fim das aulas, chegava em casa todo amassado; folheado descuidadamente, ficava ainda mais amassado; e passando pela cozinha (pois era na cozinha que eu fazia os temas, conjugando a presença do alimento para o corpo com a do alimento para o espírito) recebia suas manchas de gordura.

Ao fim do ano o pobre caderno estaria reduzido à uma sombra do que fora.

Mas isto no fim do ano. No primeiro dia de aula, o caderno era a síntese de uma expectativa gloriosa.

O caderno era o símbolo da vida que tínhamos pela frente.

Moacyr Scliar é médico e escritor, nasceu aqui em Porto Alegre mesmo, em 1937 (cresceu no bairro Bom Fim). Ele já foi publicado inclusive no exterior, e além destas atividades ainda é funcionário da Secretaria da Saúde. Há duas semanas, recebeu o Prêmio Casa das Américas, pelo livro de contos A Orelha de Van Gogh. Criado pelo Governo de Cuba, este é um dos mais importantes prêmios literários da América Latina. Scliar é um cara legal e pai do Beto. Neste texto, especial para a edição de volta às aulas, o escritor lembra com imenso carinho a relação com o caderno novo. E quem já não sentiu tudo isso que o Scliar descreve pra gente ficar viajando pelos nossos primeiros cadernos? (Carlos Urbim)